

Epistemofagia: uma leitura em perspectiva do curso Michel Foucault - As Formações Históricas, de Gilles Deleuze

Epistemophagy: a lecture on the perspective of Deleuze's Course Lectures on Foucault

Bruno Gonçalves Borges¹

Universidade Federal de Catalão – UFCAT

bruno_borges@ufcat.edu.br

Antônio Fernandes Júnior²

Universidade Federal de Catalão – UFCAT

antonio_junior@ufcat.edu.br

RESUMO: Em 1986, Gilles Deleuze publica *Foucault*. Não parece ser um livro homenagem. Mais do que isso, constitui-se um testemunho da influência ou o registro de um movimento de fluxo e contrafluxo com o pensamento de Michel Foucault na elaboração dos conceitos deleuzianos. Apesar de a referida obra circular no Brasil desde 1988 com tradução local, nos últimos anos ganhou destaque a publicação de *Michel Foucault: as formações históricas*, tradução dos cursos ministrados por Deleuze que constituem a segunda parte de *Foucault*. Mas, o que essa nova publicação traz de expectativa? Será ela uma amostra daquilo que todo/a autor/a um dia pode se deparar: (re)dizer o dito, fazer uma (re)leitura sob outras condições (ou até formações)? É nisso que concentrou nosso esforço, pois enxergamos alguns procedimentos que, potencialmente, contribuem para o entendimento do (re)dizer nas suas variadas modulações. Em síntese, esse conjunto procedimental alimentou uma leitura comparada entre os diferentes materiais analisados, de modo que é possível apreender os movimentos operados por Deleuze e como eles exigem uma sensibilidade por parte do leitor e, que, aqui, desdobramos em atos: de escrevinhar e escriturar, e procedimentos: de decupagem e bricolagem da escritura.

Palavras-chave: Autoria; Foucault; Deleuze; Filosofia da linguagem.

ABSTRACT: Gilles Deleuze published your *Foucault* in 1986. It does not seem like a tribute book. Granted, it is evidence of influence or the flow record against the flow with the Michel Foucault philosophy in producing Deleuzian concepts. Although the mentioned work has been circulating in Brazil since 1988, in recent years, the publication of *Michel Foucault: as formações históricas*, a translation of seminars taught by Deleuze that constitute the second part of Foucault, has gained prominence. But, what does this new publication bring to the expectation? Is it a sample of what every author may encounter one day: say what is said and do a reading again under other conditions (or even formations)? It focused our efforts on, as we see, some procedures that potentially contribute to the

¹ Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão. Líder do Grupo Intersecções: filosofia, psicologia, arte e educação UFCAT/CNPq.

² Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em letras da Universidade Federal de Catalão. Coordenador do Laboratório de Estudos Foucaultianos de Catalão (LEF-GO). Coordenador do GT Estudos Discursivos Foucaultianos da ANPOLL.

understanding of (re)saying in its various modulations. In summary, this procedural set fed a comparative reading between the different materials analyzed so that it is possible to apprehend the movements operated by Deleuze and how they require sensitivity on the part of the reader, which, here, we call acts: of scribbling and writing, and procedures: decoupage and “DIY.”

Keywords: Authorship; Foucault; Deleuze; Philosophy of language.

“Epistemofagia”

Episteme – conhecimento + *fagia* – ato de se alimentar = epistemofagia. Trata-se de um neologismo que responde ao nosso interesse de promover uma leitura em perspectiva de Foucault feita por Deleuze. Em linhas gerais, os cursos de Deleuze sobre Foucault são preciosas fontes tanto para quem se dedica ao primeiro, quanto para quem se associa ao pensamento do segundo. Os cursos constituem uma chave de leitura única tanto de um quanto de outro. Contudo, não trataremos aqui de dados biográficos. Portanto, a amizade, a interação ou a profundidade e duração dessa relação não serão objetos do texto em questão³. O que nos interessa é a materialidade do intercâmbio de ideias e de conceitos, sobretudo, o fluxo e o contrafluxo existente entre os pensamentos de Deleuze e Foucault, especialmente, na configuração dos conceitos do primeiro pela influência do segundo.

Interessa-nos, portanto, o registro dos movimentos de captura e de transposição operados por Deleuze na produção da obra *Foucault*, publicada pela Galimard em 1986⁴ e composta por seis ensaios: i – Um novo arquivista (*Arqueologia do saber*); ii – Um novo cartógrafo (*Vigiar e Punir*), estes, publicados na *Critique*, respectivamente, no n. 274 de 1970 e n. 343 de 1975 e que compuseram, na obra, a seção “Do arquivo ao diagrama”. Na seção seguinte, intitulada “Topologia: ‘pensar de outra forma’”, derivada do curso *Foucault - Les Formations Historiques*, ministrado na Universidade de Paris, entre outubro e dezembro de 1985, e, do curso *Foucault - Le Pouvoir*, ocorrido entre janeiro e junho de 1986, tem-se quatro ensaios: iii – Os estratos ou formações históricas: o visível e o enunciável (saber); iv – As estratégias ou o não-estratificado: o pensamento do lado de fora (poder); v – As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação), e, vi – Anexo: Sobre a morte do homem e o super-homem⁵.

De antemão, é preciso destacar que nosso interesse em retomar a obra *Foucault*, de Deleuze, é menos em função da obra em si, que foi publicada há muito tempo, e sua tradução circula no Brasil desde 1988, e, mais pelo fato da publicação conjunta pela n-1 edições e pela editora filosófica Politeia, da tradução das transcrições dos cursos ministrados por Deleuze, intitulados *Michel Foucault: as formações históricas*, e pelo potencial interesse que esta obra

³ François Dosse é autor de um texto relevante que vai nessa direção. Trata-se de *Deleuze and Foucault: A philosophical friendship*, publicado em Morar; Nail; Smith (2016).

⁴ A edição utilizada para este texto é a tradução de 1988, pela Editora Brasiliense, que se encontra na 9ª reimpressão. A edição original é mencionada em parêntese junto à página correspondente.

⁵ Vale destacar que optamos pela identificação entre colchetes do ano e paginação da publicação original das obras citadas no nosso texto. Desse modo, o leitor pode localizar e comparar a tradução utilizada, ou mesmo confrontar a nossa tradução, quando for o caso de obra não traduzida para o português.

pode despertar nos leitores, tanto de Deleuze quanto de Foucault. Neste caso, especialmente aos leitores de Foucault que correm alguns riscos em procurar em Deleuze um intérprete para o autor de *Vigiar e Punir*.

É esperado que a publicação dos cursos gere interesse, seja pela “novidade” – de ser uma tradução que pode alcançar um público maior em sintonia com o destaque que seu autor tem recebido na última década, seja pelo formato e suporte dos textos – aulas transcritas com linguagem fluída e disponibilidade gratuita pela internet⁶. Quanto ao primeiro aspecto, o leitor de Deleuze já deve estar acostumado a lidar com a profusão de textos dispersos, que se ligam sem uma cronologia exata e, volta e meia, são retomados ou estão publicados mais de uma vez em diferentes livros. Nesse caso, nem tudo é novidade. Quanto ao segundo aspecto, o conjunto de livros decorrente das aulas transcritas favorece uma dupla captura interessante da filosofia contemporânea, pois possibilita compreender, sem maior dificuldade, a escritura deleuziana e, conhecer um Foucault esmiuçado. Mas, aí, justamente, mora nosso interesse e desperta nossa atenção: até que ponto os cursos revelam um e outro personagens – Foucault e Deleuze?

Diante disso, nossa atenção concentra-se na proposição, ao mesmo tempo explícita e implícita, ou simplesmente, permanente, de Deleuze em produzir um Foucault e não apenas uma obra sobre Foucault⁷. Essa tarefa não é novidade. Todo um conjunto de obras de Deleuze, muitas vezes simplificado como um período de produção monográfica de nomes da história da filosofia, é, na verdade, um exercício próprio de seu pensamento que não se restringe a anunciar ou enumerar esses nomes, mas de fazê-los dançar e acelerar até que tenhamos, enfim, um nome e um pensamento que, basicamente, funcionam a partir e com a filosofia de Deleuze⁸.

No passeio pela obra *Foucault*, e, em especial, quando ele é feito em compasso com a leitura dos cursos transcritos na íntegra⁹, o leitor será envolvido por pelo menos dois afectos:

⁶ Uma curiosidade: a transcrição do curso alcançou um total de 400 mil palavras, enquanto a obra *Foucault*, variante do curso, foi publicada com 40 mil (Cf. Morar; Nail; Smith, 2016).

⁷ Este argumento, assim como o que está no resumo do texto, não exclui uma reverência que Deleuze expressou publicamente em textos e até mesmo no dia do funeral de Foucault, quando leu um trecho de *História da Sexualidade*, homenageando-o à altura da importante personalidade acadêmica que foi. Aqui, no entanto, é necessário marcar um distanciamento.

⁸ Este entendimento é objeto de análise de Nabais (2017), que, entre outras coisas, afirma que “sempre que se tenta explicar as teses mais singulares de Deleuze, como aquelas sobre o plano de imanência, o virtual, as sínteses do tempo, a univocidade do ser, é-se imediatamente forçado a cair nestes abismos que são ‘o Bergson’ de Deleuze ou ‘o Espinosa’ de Deleuze, ou melhor, nesta *mise en abîme* do método deleuziano” (p. 43).

⁹ Tratam-se dos cursos ministrados na Universidade de Vincennes (atualmente Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis) intitulados Michel Foucault: as formações históricas. O mesmo não pôde ser feito quanto aos textos publicados na *Critique*, pois o acesso a eles não foi possível no tempo que foi dedicado à produção deste texto. São textos raramente encontrados na forma impressa e disponíveis no exterior.

o primeiro consiste na sensação de ter, enfim, compreendido a problemática do saber-poder de Michel Foucault por meio de uma possível clarificação que Deleuze realiza e que pode ser sintetizada na máxima – então é isso que Foucault faz! Já o segundo, faz pairar sobre o leitor outra sensação, a de que entre Foucault e Deleuze existe uma sinergia tal que não se consegue distinguir o que é do primeiro e o que é apropriado pelo segundo, e que também produz uma máxima – será mesmo isso que Foucault faz?

Em síntese, trata-se de um paradoxo que o leitor só poderá entender nos movimentos de captura, sobretudo, naqueles em que Deleuze provoca uma aceleração da análise empreendida para chegar ao seu interesse primordial que é o desenvolvimento do seu próprio pensamento na intersecção com Foucault. Não são poucas as vezes em que Deleuze, ao recorrer à escritura foucaultiana, faz ressalvas do tipo: o que me interessa... o que procuro... o que importa... na leitura da referida obra. Ou seja, há certas marcas que Deleuze impõe no modo de operar o pensamento de Foucault e, em todas elas, prevalece a expressão do seu método de incursionar uma referência que lhe será útil, mas apenas depois de fazê-la dançar conforme um ritmo próprio.

Apresentamos, pois, dois exemplos em que esse paradoxo existe na leitura deleuziana. O primeiro diz respeito a Nietzsche, filósofo que decididamente atravessa a constituição do filósofo francês. Diz, Deleuze:

Não há o eu-Nietzsche, professor de filologia, que perde subitamente a razão, e que se identificaria com estranhas personagens; há o sujeito-nietzschiano que passa por uma série de estados e que identifica os nomes da história com esses estados: *todos os nomes da história sou eu...* O sujeito se estende sobre o contorno do círculo de cujo centro o eu desertou. [...] Não se identificar com pessoas, mas identificar os nomes da história com zonas de intensidade sobre o corpo sem órgãos; e a cada vez o sujeito grita “Sou eu, então sou eu!” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 36-37 [1973, p. 28]).

Não se trata de imitar ou de se parecer com Nietzsche. Deve-se apropriar da sua imagem-pensamento como quem se envolve embriagado pela sua potência, recorrendo aos seus conceitos, mas sendo capaz de ver limites neles e, a partir disso, ousar na criação de seus próprios conceitos a partir dos estilhaços do golpe certo à própria imagem, que um dia refletira que só existiu plenamente no seu criador.

O segundo exemplo está no curso *Foucault – as formações históricas*, objeto de análise do nosso texto, no qual esse procedimento está registrado inúmeras vezes, algumas mais outras menos evidentes. No caso específico, Deleuze anuncia o conceito de

estrato/estratificação, que desde o início não parece ser propriamente comum a Foucault, mas ele faz um movimento capaz de provocar esse efeito de correspondência.

Diz, Deleuze:

No limite, eu diria que as formações históricas são estratos, estratificações. Como veremos, aqui eu emprego essa palavra que me parece cômoda pois remete bem ao termo “arqueologia”. A arqueologia é o estudo dos estratos. Veremos que se pode dar a essa palavra todo tipo de caracterização, mas o que me autoriza em primeiro lugar a empregar tal palavra é: um estrato é precisamente um composto de visível e enunciável. Logo, as formações históricas são estratos, são estratificações. E é todo um eixo, um primeiro eixo, da obra de Foucault, esse estudo arqueológico das estratificações, ou seja, das formações históricas definidas pelas visibilidades postas e enunciabilidade proferidas (DELEUZE, 2017, p. 10).

N’A *arqueologia do saber*, o termo estrato aparece apenas duas vezes. E parece-nos que o seu emprego não alcança a condição de conceito. Mas, em Deleuze, ao contrário, o estrato e suas variações (a estratificação e a desestratificação) alcançam a consistência necessária em *Mil Platôs*. Contudo, nessa obra, o visível e o enunciável, temas da filosofia da linguagem de Foucault, subsistem em meio a uma série de outros problemas postos em movimento. O que isso indica? Fazemos duas apostas: a primeira é a que Deleuze precisa que Foucault forneça-lhe as condições para desenhar seu plano de consistência, ou seja, o espaço em que os conceitos possam deslizar com a única condição de serem experimentais, para isso, ele parte de um plano de organização, em outras palavras, a estrutura dada por Foucault a partir de sua detalhada análise do saber-poder que permeia a produção social. Eis porque se tem a impressão de que Deleuze faz uma leitura criativa do pensamento de Foucault, o que não quer dizer que seja equivocada.

A segunda aposta consiste no entendimento de que Deleuze e Guattari desenham, ainda em *Mil Platôs*, uma filosofia da linguagem que se apoia em Foucault e que avança segundo o critério do desejo e da produção e não da interpretação e da representação¹⁰, o que faz com que certos elementos foucaultianos sejam colocados em segundo plano, enquanto outros são recolocados na cena que é composta pelos dois. Disso, resulta, a sensação de que

¹⁰ Estas duas formas, a interpretação e a representação, são, sem dúvida, duas fronteiras que geram grande tensão no acolhimento de uma possível análise discursiva a partir das contribuições de Deleuze e Guattari. N’O *Anti-Édipo*, os filósofos franceses argumentam como elas são insuficientes ou até maledicentes ao processo de produção do conhecimento psicanalítico e econômico-político. O que é exigido do leitor é uma generalização que alcance a linguagem a partir das pistas deixadas por eles nessa obra, somadas ao trabalho sucessor – *Mil Platôs*, em que há mais elementos sobre o tema.

não há um eu-Foucault, mas a reintegração do sujeito foucaultiano¹¹, sempre à espreita da análise empreendida.

O método do roubo

Roubei Félix, e espero que ele tenha feito o mesmo comigo. Você sabe como trabalhamos; digo novamente porque me parece importante: não trabalhamos juntos, trabalhamos entre os dois (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 15).

Há, certamente, um desafio quanto à compreensão do que significa o roubo a Guattari segundo Deleuze e, compreendê-lo se faz necessário, pois o mesmo procedimento pode ter sido aplicado à filosofia de Foucault e a todos os outros intercessores convocados ao pensamento deleuziano. Sobre essa questão, dentre as várias possibilidades de abordagem, destacam-se três: o roubo como negação; o roubo como fetiche; e, o roubo como tática, sendo esta última, a que mais define o processo de escrita de Deleuze.

A primeira abordagem é a mais conhecida e pode ser exemplificada no mandamento bíblico “não furtarás” (Êxodo 20: -15). Ela percorre as produções jurídicas e econômicas, morais e científicas, e se caracteriza pela ideia de propriedade, logo, vinculada a um sujeito, a uma subjetividade, e a um conjunto determinado de alguma coisa, ou seja, marcado pela noção de limite. Nessa concepção, o roubo é a expropriação, a apropriação indevida, e a ele só cabe a punição. Diante, portanto, de uma situação flagrante, a reação é a de negar, do mesmo modo que é negativo o roubo em si. O que não faz, contudo, que o roubo inexistia, mas o mantém no bojo social.

A segunda abordagem toma o roubo como fetiche ou algo a ser desvendado, ao estilo d’*A carta roubada*, de Edgar Allan Poe (2003 [1844]): “... *un dessein si funeste, s’il n’est digne d’Artrée, est digne de Thyest*”¹². Pode-se dizer que ele ainda opera segundo a lógica do primeiro modo de entender o roubo, mas, em vez de se render à culpa, ela o torna um valor. É como se no primeiro caso prevalecesse a noção de traição, algo que é esperado e até

¹¹ Este entendimento encontra paralelo na leitura que fazem Deleuze e Guattari do eterno retorno nietzschiano. Ver: Deleuze; Guattari, 2011a, p. 36-7 [1973, p. 28].

¹² Trecho de *A carta roubada* de Edgar Allan Poe (2003 [1844]), que, na tradução consultada, é mantida no original. Precede este texto o seguinte: “[o ministro] D... me pregou uma peça, e eu lhe disse, bem-humorado, que não me esqueceria daquilo. De modo que, como sabia que ele iria sentir certa curiosidade sobre a identidade da pessoa que o sobrepujara em astúcia, achei que seria uma pena deixar de dar-lhe um indício. Ele conhece bem minha letra e, assim, apenas copiei, no meio da tolha em branco...” Trata-se de uma traquinagem feita por Dupin ao trocar a carta roubada e pôr fim ao mistério.

necessário – é o caso da traição de Judas sem a qual não haveria o ápice cristão –, e, no segundo, há a trapaça, algo condenável, pois é mesquinho e individual¹³, mas, ao mesmo tempo, prova de astúcia. Nesse caso, o roubo como fetiche colabora para a manutenção do “segredinho sujo¹⁴”, das operações nebulosas, sejam elas concretas ou de pensamento. A sua síntese pode ser a seguinte: não roubei até que provem o contrário! Ou o roubo não passa de uma grande aventura, da qual não se tem a noção completa senão os indícios que o mantém ativo no imaginário social.

Por sua vez, o roubo como tática não deve ser entendido como oposição aos demais ou ser investido de uma positividade que o torne imune à crítica. Não se trata de encontrar um lado bom do roubo, mas de colocá-lo fora de um juízo moral que lhe é sempre antecedente. Mesmo assim, a desconfiança será peça indispensável dessa engrenagem. No caso de Deleuze, a sua abordagem, segundo Nabais (2017, p. 43), “deixa bem perceber este método de leitura em espelho, onde cada conceito do complicado léxico filosófico do deleuzianismo se vai desenhando segundo um regime de parasitagem, de vampirização dos universos teóricos visitados”.

A tática do roubo, ao contrário das duas primeiras, anula a necessidade de um sujeito e interdita a valoração do ato de roubar. Ela se torna, portanto, um meio, abandonando a ideia de fim impregnada ao sentido do roubo. Ela não exclui o “roubado”, mas o incorpora. Desse processo deve resultar algo novo, mas que mantém algo reconhecível, ainda que não se possa dizer que é o mesmo de antes da operação filosófica realizada, dando origem, por exemplo, na leitura deleuziana, a “um Hegel *filosoficamente* barbudo, um Marx *filosoficamente* calvo, assim como um Gioconda com bigode” (NABAIS, 2017, p. 44).

O (re)dizer *entre* escriturar e escrevinhar

Não é uma questão de interpretação ou de reconhecimento, ao contrário, “achar, encontrar, roubar ao invés de regular, reconhecer e julgar” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 16 [1977]) são as ações que se impõem na condição do *entre*. Conforme argumenta Deleuze e Parnet (1998, p. 44 [1977]), “nós só podemos agenciar entre os agenciamentos”. O meio, o *entre*, ou simplesmente o *E*, aparece na filosofia de Deleuze como potência. A conjunção não é apenas o meio entre os elementos polares, mas, expressão do encontro e da interação de

¹³ Ver Deleuze (2011), especialmente o capítulo 6.

¹⁴ Ver Deleuze; Guattari (2011a), especialmente o capítulo 2.

afetos, assim como põe em movimento a possibilidade que ambos os elementos têm de afetar um ao outro, sem, contudo, deixar de ser o que são. O *E*

[...] é o que subentende todas as relações, a estrada de todas as relações, e que faz com que as relações corram para fora de seus termos e para fora do conjunto de seus termos, e para fora de tudo o que se poderia ser determinado como Ser [...] O *E* como extra-ser, inter-ser (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 70-71 [1977]).

Nesses termos, o caminho que se apresenta mais favorável a uma aproximação do conceito de agenciamento é começar por aquilo que ele não é. Primeira exclusão: “Um agenciamento não é jamais tecnológico, é até mesmo o contrário”. Deleuze inverte a lógica de que a ferramenta precede à máquina para afirmar o contrário, que as ferramentas implicam uma máquina que é sempre social e anterior. Ela até pode ser técnica, mas isso depois de percorrer o corpo pleno do *socius*, programada a assimilar os seus elementos técnicos. “Uma ferramenta permanece marginal ou pouco empregada enquanto não existir a máquina social ou o agenciamento coletivo capaz de tomá-la em seu *phylum*” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 67 [1977]).

Segunda exclusão: Na filosofia deleuziana “não há infraestrutura nem superestrutura em um agenciamento” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 58 [1977]). Há apenas um fluxo por onde tudo percorre simultaneamente. Não há contradições, pois ocorrem modificações constantes dos elementos dispostos no fluxo por meio da contiguidade que lhe é própria. Do mesmo modo, como consequência dessa não diferenciação, também a ideologia não encontra espaço para sua existência real¹⁵, pois não há um conjunto de ideias, uma totalidade de formas discursivas que legitimam o poder de uma classe, “mas toda uma organização que adentra, efetivamente, o pensamento para se exercer segundo normas de um poder ou de uma ordem estabelecida, e bem mais, que instala nela um aparelho de poder, que a erige em aparelho de poder” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 20 [1977]).

Terceira exclusão: “Os dispositivos de poder não nos parecem exatamente constitutivos dos agenciamentos” (DELEUZE; PARNET, 1998 p. 107 [1977]). O dispositivo – conceito caro na análise profunda que Foucault (2014) empreende na identificação dos fluxos de poderes que passam entre e que atravessam os indivíduos na sociedade moderna – tem, no programa deleuziano, um limite que só pode ser compreendido na medida em que se acolhe o dispositivo como componente do agenciamento, ou um tipo de agenciamento

¹⁵ “O conceito de ideologia é um conceito execrável, que oculta os verdadeiros problemas, sempre de natureza organizacional” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 457 [1972]).

específico. Cabe ao dispositivo, codificar e fixar esse código em um território correspondente, tornando-o suscetível à sobrecodificação que ocorre no fluxo molecular. O dispositivo, portanto, é uma condição a que pode “se curvar” o agenciamento (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 107 [1977]).

Cabe ao agenciamento ser um conjunto de forças que opera em dois fluxos sem qualquer dualismo: de um lado pode-se dizer que o indivíduo tem de lidar com os “grandes agenciamentos sociais” das relações estáveis e reprodutoras da codificação molar, como, por exemplo, o das instituições sociais, como a família, a escola, e os sistemas econômicos, judiciário etc. De outro lado, o mesmo indivíduo é decisivo diante da capacidade de funcionamento do primeiro investimento, pois ele mesmo constitui um agenciamento pronto a assimilar a codificação e sobrecodificação que ocorre agora no fluxo molecular, de forma instantânea, ainda que exista um *delay*¹⁶ que introduz a falha, ou ainda, a “elaboração involuntária” que o conduz a uma descodificação, ao encontro das linhas de fuga (ZOURABICHVILI, 2004, p. 8-9).

Dito isso, é possível lançar mão de algumas pistas de como os escritos de Foucault são agenciados pelo pensamento de Deleuze, ou seja, trata-se do primeiro passo para retomarmos o sentido do eu-foucaultiano em vez do eu-Foucault. É que a análise foucaultiana já não é mais uma referência pessoal. Deleuze opera o arcabouço teórico e metodológico de seu intercessor sem um rosto em mente. A escritura de Foucault tem de ser autorreferencial no modo como é capturada, apagando o resquício de um eu-Foucault. Conforme se registra em *O que é a filosofia?*, um conceito só é um conceito quando ele sobrevoa não só quem o criou, mas é capaz de se descolar da cena em que foi criado, permanecendo ativo mesmo quando nenhum dos dois (criador e cenário) são atuais.

Deleuze esteve diante desse arcabouço inúmeras vezes, supomos. Aqui, como já registrado, destacamos três momentos: o primeiro da escrita dos artigos na *Critique*; o segundo, dos cursos sobre Foucault e; o terceiro, a produção do livro *Foucault*. Destacamos, desse agenciamento realizado por Deleuze, que ele é produzido segundo uma lógica de substituição no lugar de uma lógica de afirmação. Os três momentos descritos acima se ligam pelo *E* e não pelo *É*; ou seja, por um movimento que não se encerra, nem mesmo com a última obra, mas se apresenta continuamente aberto.

Essa operação de substituição do *É* pelo *E*, conforme argumentado por Deleuze e Parnet em *Diálogos* (1998 [1977]), e por Deleuze e Guattari em *Kafka: por uma literatura*

¹⁶ No sentido de reverberação ou eco, que se produz no indivíduo e que o coloca diante da codificação ruidosa que se impõe de acordo com as condições do investimento molar.

menor (2017 [1975]), é responsável por um movimento de abertura e não de conclusão sobre os conceitos do seu intercessor, apostando nas velocidades e lentidões que localizam nos elementos que expropria, em vez de tentar canonizar ou redizer com outras palavras o que já foi dito.

Por isso, não por acaso, em alguns momentos, há um sentimento de desconfiança acerca da compreensão produzida pela leitura deleuziana. No entanto, isso se desfaz na medida em que o leitor abre mão de seu lugar de juiz ou perito e se expõe à criatividade e à necessidade de provocar uma leitura em que a referência seja aquilo que paira sobre nós e não o que se impõem como limite ao nosso pensamento.

Outra dimensão do *entre* que se faz método de análise de Deleuze está na condição sempre indefinida que lhe é característica quanto ao procedimento de escrita. De certo modo, o filósofo francês é um nômade que perambula entre as funções de escriturário e escrevinhador. Obviamente, optamos pelo lado bem-humorado da crítica¹⁷ que se faz a Deleuze. Não que ele seja imune a ela, pelo contrário, é necessário investirmos dela para lidar com os limites do nosso pensamento.

Além disso, parece oportuno recordar um texto, ou antes, um programa de pesquisa intitulado *O que é um Autor?* que Foucault (2001 [1969]) apresentou em sessão da *Société Française de Philosophie* e que chegou ao público brasileiro especialmente com a publicação de *Ditos e Escritos*¹⁸. Veremos que os argumentos deleuzianos podem ser ecos do pensamento foucaultiano, ou, no mínimo, daquilo que comumente alimentou os dois. Interessa-nos, contudo, os temas secundários ou mesmo marginais presentes na conferência proferida por Foucault em detrimento do que é central – “que importa quem fala?” –, e o “apagamento do autor”, conforme destaca a introdução do referido texto.

Nessa acepção, se o cerne da proposta parte da ideia de que a

[...] noção do autor constitui o momento crucial da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, e também na história da filosofia e das ciências. Mesmo hoje, quando se faz a história de um conceito, de um gênero literário ou de um tipo de filosofia, acredito que não se deixa de considerar tais

¹⁷ A crítica a Deleuze se expressa em diferentes direções. Há uma crítica feminista, aqui, exemplificada com o texto de Alice Jardine, em *Woman in Limbo: Deleuze and His Br(others)*, publicado na revista *SubStance*, n. 44-45, de 1984. Há um investimento de Allain Badiou contra a ideia de que Deleuze é um filósofo da multiplicidade, publicado em 1997, intitulado *Deleuze: “La clameur de l’Etre”*, editado pela Hachette. E, mais recentemente, Zizek (2003), com a crítica, sobretudo, à influência de Guattari no pensamento de Deleuze, com o livro *Organs Without Bodies: On Deleuze and Consequences*, pela editora Routledge.

¹⁸ A referência encontra-se na bibliografia, ao final do texto. Vale destacar que o texto da conferência foi publicado em outras duas oportunidades, conforme consta na tradução brasileira, a saber: em 1969, no Boletim da *Société Française de Philosophie*, ano 63, n. 3. E, como *Textual Strategies* de *The Foucault Reader*, em 1984, pela Pantheon Books – New York.

unidades como escansões relativamente fracas, secundárias e sobrepostas em relação à primeira unidade, sólida e fundamental, que é a do autor e da obra (FOUCAULT, 2001, p. 267 [1969¹⁹]).

De modo que se evidencia uma dualidade entre saber quem escreve e desconfiar da autoria no sentido puro do termo²⁰ que encontrará lugar, mais tarde, no conceito de função-autor. Logo, chama a nossa atenção, a passagem em que Foucault relata a experiência de ter ultrapassado as convenções da escrita acadêmica, centrada no *modus* de produção individual, marca da *intelligentsia* em voga, conforme apresenta Pêcheux (2015)²¹.

No trecho em questão Foucault diz o seguinte:

Falei de Buffon, de Cuvier, de Ricardo etc., e deixei esses nomes funcionarem em uma ambiguidade bastante embaraçosa. Embora dois tipos de objeções pudessem ser legitimamente formulados, e o foram de fato. De um lado, disseram-me: você não descreve Buffon convenientemente, e o que você diz sobre Marx é ridiculamente insuficiente em relação ao pensamento de Marx. Essas objeções estavam evidentemente fundamentadas, mas não considero que elas fossem inteiramente pertinentes em relação ao que eu fazia; pois o problema para mim não era descrever Buffon ou Marx, nem reproduzir o que eles disseram ou quiseram dizer: eu buscava simplesmente encontrar as regras através das quais eles formaram um certo número de conceitos ou de contextos teóricos que se podem encontrar em seus textos. Fizeram também uma outra objeção: você forma, disseram-me, famílias monstruosas, aproxima nomes tão manifestamente opostos como os de Buffon e de Lineu, coloca Cuvier ao lado de Darwin, e isso contra o jogo mais evidente dos parentescos e das semelhanças naturais (FOUCAULT, 2001, p. 266 [1969]).

A partir desse exemplo, Foucault tece uma complexa trama em que volta e meia esses elementos ocupam a cena principal de sua apresentação. Mas, vamos nos deter aos detalhes que a aproximam do mesmo procedimento que Deleuze opera, ou seja, aquele em que não se está mais diante dos nomes próprios, mas de um deslocamento produzido no pensamento.

¹⁹ O texto original pode ser acessado em <http://libertaire.free.fr/MFoucault349.html>, não paginado, no formato hipertexto.

²⁰ Sobre isso, nos veio à memória o texto de Sartre: *Em defesa dos Intelectuais*, sobretudo, a terceira conferência, que, de maneira diferente, apresenta o problema da autoria e da posição do autor/intelectual frente à sociedade. Em linhas gerais, Sartre o apresenta como aquele que tem algo a dizer, mas não necessariamente, algo que se deseja ouvir. SARTRE, Jean-Paul. (1994). *Em defesa dos intelectuais*. Trad. Sergio Goes de Paula; apres. Francisco C. Wellfort. São Paulo: Ática. Série Ponto de Vista.

²¹ Pêcheux destaca, em *O discurso: estrutura ou acontecimento*, a evolução da alta *intelligentsia*, que, segundo ele, se “efetou por etapas: os intelectuais dos anos 60 se engajaram em seus trabalhos como a gente se engaja em uma guerra (eventualmente uma guerra civil). Pouco a pouco, a figura central passou da luta “política” para o confronto com o anjo do espaço solitário da “escritura”. Hoje, a nova forma que tende a se impor é a da performance (mais frequentemente em solo, mais raramente em equipe): à significação esportiva do termo se junta, lateralmente, a conotação do espetáculo, induzida pelo uso anglo-americano do termo “performance” (2008, p. 60 [1998]).

A dupla acusação que pesa contra Foucault (2001, p. 266 [1969]) é, para nós, o trunfo de sua análise e um exemplo desse modo de lidar com os intercessores, comum também em Deleuze. De um lado, um aparente interesse individual – “eu buscava...”, mas que revela o desejo de colocar sob outras bases os problemas já conhecidos “encontrar as regras através das quais eles formaram um certo número de conceitos...”. De outro, o desenvolvido de um jogo que não segue a lógica arborescente, que ignora o avizinhamo de “nomes tão manifestamente opostos...”, mas que se ramifica e busca articulação fora do padrão instituído, “...contra o jogo mais evidente dos parentescos e das semelhanças naturais”. Portanto, não é mera performance o modo foucaultiano ou deleuziano de empreender a análise, mas uma incursão que viabiliza uma abordagem que avança sobre os limites epistemológicos. Também não configura uma recusa ao rigor teórico, mas a possibilidade de criar outros planos conceituais.

Decupagem e bricolagem

O livro *Foucault*, de Deleuze, como registrado no prefácio, é uma reunião de “seis estudos relativamente independentes” (2013, p. 9 [1986]). Enquanto a primeira parte do livro, decorrente de artigos publicados na *Critique*, foi sutilmente aumentada e modificada, a segunda parte, especialmente, aquela originária do curso sobre Foucault, passou por processo inverso, de redução.

A releitura, nome que poderíamos dar a este processo de produção da obra *Foucault*, nos parece ser a consequência de outras ações que confluíram para a proposição do livro em questão. A releitura exige, sobremaneira, (re-)leituras, ou seja, algo só é criado a partir de outra coisa no momento em que essa coisa o satura em comunicar-se. Ao mesmo tempo, outras vozes ecoam na cabeça daquele/a que está lendo e relendo, e, no fim, uma multidão ocupa o espaço pretensamente vazio da criação.

Portanto, uma releitura não é apenas uma estilização de algo dado. É uma atualização de algo tornado virtual. Chamamos de virtualidade, segundo Deleuze e Guattari, uma força que é capaz de pairar sobre o acontecimento. Ela é tanto algo passado quanto futuro, ou, arcaísmo e utopia. Mas, quando se efetua no acontecimento ocorre a sua atualização. Virtual e atual são dimensões inequívocas do real e não há, conforme os filósofos franceses, oposição entre eles.

O virtual, nesse caso, passa a ser a teoria foucaultiana. Ela sobrevoa o plano de criação conceitual deleuziano (e guattariano nas obras que escreveram juntos). Ela não é ponto de partida, de chegada ou meio de passagem, então o que lhe resta? Funcionar quando acionada no processo de produção que está em curso. Voltamos, com isso, ao lema da caixa de ferramentas²².

Do ponto de vista formal da produção de *Foucault*, Deleuze operou em maior frequência a exclusão do que a inclusão de novos trechos, e, esse processo é compreendido segundo duas operações comparativas entre esta obra e os cursos transcritos. Obviamente, essa comparação atende a um desejo por parte do leitor em compreender o processo que leva de um ao outro, mais do que a apreensão do movimento que fez Deleuze na sua escritura, que não podemos atestar, se foi feita exclusivamente com aporte tecnológico das gravações. De todo modo, suspeitamos que esse procedimento de traduzir em livro um curso ministrado exigiu dele um exercício procedimental específico, condizente com o que já vinha realizando²³.

A primeira comparação, portanto, consistiu na identificação da recorrência textual, em que os termos são localizados em um *corpus* e no outro não; nesse caso, somam-se 638 exclusões de diversos tipos. A segunda foi marcada pelos procedimentos que encontraram movimentações e alterações pontuais com a preservação da ideia central no texto. Esta segunda comparação, resultou, respectivamente na localização de 24 movimentações e 63 alterações. A inclusão, por sua vez, mais restrita, foi percebida em 26 momentos na obra.

Naturalmente, a redundância comum à fala, ato mais de cuidado do que de prolixidade, é corrigida no texto escrito, seja pelo rigor do escritor, seja pela atenção do editor. Mas também a peculiaridade de ser um texto transcrito faz de *Michel Foucault: as formações históricas* uma escritura que guarda certa porção de repetitividade da fala, que é resultado da *mise-en-scène* pedagógica em que foi originalmente produzido.

²² Na célebre conversa sobre os intelectuais e o poder, que depois se tornou parte do livro de Foucault (1987 [1975]), Deleuze argumenta que “uma teoria é como uma caixa de ferramentas... É preciso que sirva, é preciso que funcione” [...] “A teoria não totaliza; a teoria se multiplica e multiplica” (p. 71). Também Foucault assumiu posição similar ao afirmar que seus livros são “caixinhas de ferramentas. Se as pessoas querem abri-los, se servir dessa frase, daquela ideia, de uma análise como a de urna chave de fenda ou uma torquês, para provocar um curto-circuito, desacreditar os sistemas de poder, eventualmente até os mesmos que inspiraram meus livros, pois tanto melhor” (FOUCAULT, entrevista publicada posteriormente em ERIBON, 1990 p. 220 [1975]). Antes disso, nas *Investigações filosóficas* de Ludwig Wittgenstein (1889-1951), também está presente a ideia da caixa de ferramentas. Na ocasião, o filósofo austríaco compara o objeto em questão com o campo da linguagem. A caixa de ferramenta representava para ele a multiplicidade funcional das palavras, que poderiam ser acionadas segundo o critério da especificidade.

²³ O mesmo mecanismo foi empregado na produção de textos sobre Spinoza, Kant e Rousseau (este publicado *post mortem*), entre outros filósofos e temas como cinema e o anti-Édipo.

A título de exemplo, extraímos dessa obra alguns trechos que exemplificam as situações de redundância nos termos supracitados, bem como passagens que foram suprimidas do livro *Foucault* por comporem outro modo discursivo, seja ela didático-pedagógico ou didático-filosófico, mas que, de modo geral, são elementos importantes para compreender o plano de fundo de quem escreve:

[*situação de redundância*] Gostaria de concluir porque vocês parecem-me cansados. Volto ao primeiro ponto: em que sentido tudo é sempre dito? Em que sentido os enunciados e as visibilidades não são ocultos, não são segredos? Vocês podem ver e ouvir à sua época tudo aquilo que há para ver e ouvir. Abandonem a ideia de que os políticos os enganam. É pior, é muito pior: se somente nos enganassem! Mas, mesmo acerca dos holocaustos eles nada escondem. Evidentemente vocês logo percebem o que é preciso ler para conhecer esses pseudossegedos. Bem, esse será o método de Foucault (DELEUZE, 2017b, p. 37 [1985]).

[*situação didática*] Paramos neste ponto. Pergunto novamente: vocês têm questões sobre esse primeiro aspecto do arquivo? Não? Nenhum problema, nenhuma dificuldade? Tudo claro? Pois bem, continuemos (DELEUZE, 2017b, p. 12 [1985]).

[*situação didático-filosófica*] Não posso lhe responder, mas a sua questão é um exemplo excelente de uma pesquisa... Quem põe a questão deve respondê-la. Pense e responda-me na próxima semana (DELEUZE, 2017b, p. 35 [1985]).

Estas citações são exemplos de extrações operadas na produção do texto. Nenhuma delas foi transposta do curso para o livro *Foucault*, mas foram preservadas na transcrição original²⁴ e na tradução brasileira de *Michel Foucault: as formações históricas*. Tal constatação pode ser evidente, mas estivemos diante de outras passagens que servem de amostra de como o autor operou escolhas diferentes na transposição de um discurso a outro, muitas delas bem mais sutis. Diante disso, a nossa proposta é apresentar esse processo de escritura de Deleuze segundo dois procedimentos, a decupagem e a bricolagem.

Decupagem, do francês *découpage*, derivado do verbo *découper*, que se traduz por recortar, significa, justamente, o ato de recortar, ou cortar dando forma. Trata-se de um termo que se generalizou na indústria de modo geral e, especialmente, na arte cinematográfica e na cultura audiovisual. Nos últimos casos, a decupagem é entendida como a divisão do roteiro em cenas, com sequências e planos numerados a fim de favorecer a composição final da

²⁴ A transcrição deste curso faz parte do projeto *La voix de Gilles Deleuze em ligne*, mantida pela *L'association Siècle Deleuzien*, da Universidade Paris 8 – Vincennes Saint-Denis, disponível em <http://www2.univ-paris8.fr/deleuze/>

produção. O fato é que a decupagem não é o produto em si, mas o que o antecede, também não é um recorte puro e simples, mas um corte que provoca uma nova forma, de modo que é a partir dela que é possível fazer uma seleção, uma escolha, do que definitivamente vai se tornar um material final.

Também do francês, mas talvez mais conhecido, bricolagem – *bricolage* – tem na sua origem um emprego técnico, ligado ao trabalho manual executado sem o auxílio especializado, muito em função do cenário pós-Guerra que limitou a fabricação de produtos cotidianos. Mas, é a partir da incorporação à antropologia, por Claude Lévi-Strauss, com *O pensamento selvagem* (1976 [1962]), que o termo é transformado em conceito e passa a designar a presença de ação espontânea e que não obedece a uma forma padrão de conhecimento.

Deleuze, em linhas gerais, decupou o pensamento de Foucault, de modo a favorecer a constituição de sua própria filosofia, especialmente, uma filosofia da linguagem, que em muito é tributária da análise foucaultiana, mas que também guarda algumas dissonâncias. Estamos certos de que a teoria do enunciado constitui um importante estrato na composição deleuziana (e guattariana) do conceito de enunciação coletiva. Não por acaso, há uma série de textos com maior e menor intensidade com a presença da problemática ligada à linguagem e que guardam resquícios do trânsito operado com o pensamento de Foucault, ainda que na maioria deles não apareça o registro desse fluxo. Assim é possível encontrarmos nos platôs 4 e 5 de *Mil Platôs*, respectivamente subtitulados de *Postulados da linguística* e *Sobre alguns regimes de signos*, assim como *Kafka por uma literatura menor*, os indícios do movimento operado por Deleuze nos cursos e no livro *Foucault*, um resultado que tornou Foucault imperceptível, seja pela incorporação, seja pelo abandono.

No curso sobre Foucault, o leitor vai se deparar com a presença de conceitos que pouco ou nada são familiares ao pensamento daquele que é o analisado. No espectro foucaultiano, encontramos ainda a ocorrência de conceitos ou simplesmente termos que tiveram relevância limitada pelo próprio Foucault, mas que em Deleuze ganham proporções elevadas.

Assim, quando, no curso, Deleuze fala das máquinas e retoma Raymond Roussel, ele traça o mesmo caminho de Foucault, que no livro que escreve sobre o dramaturgo e poeta francês aborda a máquina, a maquinaria e a mecanicidade, mas esse não é o foco de Foucault, que procura os focos de poder impregnados na linguagem, para analisar como Roussel utiliza de uma palavra que usualmente diz uma determinada coisa ou estado de coisa para dizer outra, distinta daquilo que enuncia. Interessou a Foucault os operativos realizados pelo

dramaturgo que levaram a compreensão da produção do duplo, da relação entre identidade e diferença, das temporalidades lineares e cíclicas que só podem se interseccionar em um movimento criativo.

Então, quando Deleuze se apropria disso no âmbito do curso, ele não o faz pela via foucaultiana, ainda que ela lhe sirva para pavimentar o caminho em que se acomodará a sua compreensão do conceito. “Essa ideia da máquina é interessante. Vocês já veem que teremos uma confirmação, o que buscamos são confirmações do que dizíamos há pouco sobre a arquitetura”, diz Deleuze no esforço de produzir o seu entendimento concomitante de processo maquínico-procedimento enunciativo (2017a, p. 26 [1985]).

Por isso, será necessário que Deleuze recorra

[...] a termos que não são de Foucault para tentar englobar tudo. [...] Aqui eu penso na terminologia empregada pelo linguista Hjelmslev, [...] Ele diz: há formas de conteúdo e formas de expressão. Segundo ele, que é um puro linguista, a “forma de expressão” é um modo de rebatizar – há razões para esse novo batismo – o que os linguistas chamam o significante, e a “forma de conteúdo” o que os linguistas chamam o significado. Tomo emprestada a terminologia de Hjelmslev, mas imediatamente digo: suponhamos que a forma de conteúdo não tenha nada a ver com significado e que a forma de expressão não tenha nada a ver com significante. De uma certa maneira, é bem isso que Foucault mostrará (DELEUZE, 2017a, p. 26 [1985]).

Essa distinção será o mote da filosofia da linguagem deleuze-guatarriana expressa nos movimentos que seus autores acreditavam promover um deslocamento das semióticas para os regimes de signos, da estrutura para o acontecimento, do sujeito para o enunciado coletivo, da ideologia ao plano de organização. No *Platô 5*, vale destacarmos a síntese de como é compreendida a linguagem, que é produto das leituras deleuzianas acerca de Foucault, mas também um sobrevoo em busca de outras composições.

Todo método de transcendentalização da linguagem, todo método para dotar a linguagem de universais, desde a lógica de Russel até a gramática de Chomsky, cai na pior das abstrações, no sentido em que sanciona um nível que já é, ao mesmo tempo, por demais abstrato, mas não o é ainda suficientemente. Na verdade, não são os enunciados que remetem às proposições, mas o inverso. Não são os regimes de signos que remetem à linguagem, e tampouco a linguagem constitui por si mesma uma máquina abstrata, estrutural ou gerativa. É o contrário. É a linguagem que remete aos regimes de signos, e os regimes de signos às máquinas abstratas, às funções diagramáticas e aos agenciamentos maquínicos, que ultrapassam qualquer semiologia, qualquer linguística e qualquer lógica. Não existe lógica proposicional universal, nem gramaticalidade em si, assim como não existe significante por si mesmo. “Por detrás” dos enunciados e das semiotizações, existem apenas máquinas, agenciamentos, movimentos de desterritorialização que percorrem a estratificação dos diferentes sistemas, e escapam às coordenadas de linguagem

assim como de existência. E porque a pragmática não é o complemento de uma lógica, de uma sintaxe ou de uma semântica, mas, ao contrário, o elemento de base do qual depende todo o resto (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p. 113 [1980]).

Eis o objetivo de Deleuze e Guattari (sobretudo de Deleuze desde o primeiro curso *Michel Foucault*): afirmar uma nova pragmática da linguagem, uma política da língua. No próprio curso, ele asseverou tal posição ao dizer que “[...] que a linguística não é nada se não há uma pragmática”, sem a qual ele não acredita ser possível analisar as “faixas longas de indiscernibilidade”, ou compreender o escorregamento entre os sistemas de linguagem, “fazendo uma transversal de sistemas” não cessando de “[...] passar de um sistema heterogêneo a um outro” (DELEUZE, 2017d, p. 30 [1985]). Curiosamente, todo esse conjunto ficará em suspenso, não sendo contemplado em *Foucault*, e sendo retomado, mais tarde, na parceria com Guattari, em *Mil Platôs*.

Por sua vez, a bricolagem, que aqui tem o propósito de apresentar as composições e os itinerários na transposição dos cursos sobre Foucault ao livro homônimo publicado por Deleuze, se expressa de dois modos complementares. Nos dois casos, são patentes os atributos conferidos a Foucault na forma sempre lisonjeira. Nesse primeiro modo, Deleuze, ao intitular a primeira parte do livro, destaca uma atitude metodológica em Foucault (arqueologia-cartografia) em que o caráter inovador de suas análises apresentando-o como o um novo arquivista e depois um novo cartógrafo, a contragosto dos paradigmas correntes. A segunda assume uma abordagem temática e favorece uma apreensão progressiva do investimento foucaultiano que segue o fluxo saber-poder-subjetivação, que também estimula a ideia de que ele superou a si mesmo ao avançar e abandonar os resquícios estruturalistas do início de seu empreendimento para assumir, em lado oposto, uma defesa da mutabilidade, das condições sempre parciais e da confluência de requisitos em que se constituem os indivíduos e as sociedades.

No segundo modo, em que o pensamento de Foucault é plasmado ao propósito deleuziano, a bricolagem é mais evidente. Na leitura dos cursos ou do livro derivado deles, Deleuze exige uma postura de suspensão contínua, especialmente, por parte daqueles que há tempos se dedicam ao estudo da filosofia foucaultiana. Uma sensação de espera que empurra a conclusão para o limite sempre retardado, ao mesmo tempo em que todo o arcabouço teórico é colocado em cena, cria a ideia de que tudo que Foucault disse é traduzido por Deleuze sob um discurso elucidador. Mas, no fim, o benefício da dúvida ainda resiste: será que Deleuze redescobriu Foucault, ou nós, leitores de Foucault, não entendíamos bem o que líamos?

Enfim, a leitura dos cursos sobre Foucault ministrados por Deleuze consiste em uma valiosa contribuição para conhecer o pensamento foucaultiano; mas não esqueçamos, ela ocorre de modo simulado. É a produção de um plano de consistência, ou seja, o espaço propício para o desenvolvimento dos conceitos deleuzianos que está o tempo todo em jogo. Por isso, a necessidade, por parte do leitor, de certa astúcia na aventura por essas escrituras, se inteirando das regras da partida que ora aproximam, ora distanciam-no da finalidade de ler Foucault pelas lentes caleidoscópicas deleuzianas.

Referências

- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34. Coleção Trans, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Cláudia Sant'Anna. Rev. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault: as formações históricas**. v. 1. Trad. Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017a.
- DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault: as formações históricas**. v. 2. Trad. Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017b.
- DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault: as formações históricas**. v. 3. Trad. Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017c.
- DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault: as formações históricas**. v. 4. Trad. Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017d.
- DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault: as formações históricas**. v. 5. Trad. Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017e.
- DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault: as formações históricas**. v. 6. Trad. Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017f.
- DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault: as formações históricas**. v. 7. Trad. Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017g.
- DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault: as formações históricas**. v. 8. Trad. Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017h.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, Coleção Trans, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. v. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, Coleção Trans, 2011b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. De Bento Prado Júnior. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor.** Trad. Cíntia Vieira da Silva, rev. Luiz Orlandi. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault - uma biografia.** Trad. H. Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, Freud e Marx.** *Theatrum Philosophicum.* trad. Jorge Lima Barreto. São Paulo: Editora Princípio, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Org. e sel. de textos: Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Coleção Ditos e Escritos, v. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

MORAR, Nicolae; NAIL, Thomas; SMITH, Daniel W. **Between Deleuze and Foucault.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1515/9781474415095>

NABAIS, Catarina Pombo. O devir-Foucault de Deleuze. In. VALEIRÃO, K.; SCHIO, S. M. (Org.). **Michel Foucault: as palavras e as coisas.** Pelotas: NEPFIL Online, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. Eni P. Orlando. 5 ed., Campinas/SP: Pontes Editores, 2008.

POE, Edgar Allan. **A carta roubada e outras histórias de crime & mistério.** Trad. Willian Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2003.

ZOURABICHVILI, François. **Vocabulário Deleuze.** Vers. Eletr.: Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação Unicamp, 2004.

Recebido em: 8 de agosto de 2023

Aceito em: 26 de outubro de 2023